



# James Salter

BRINCADEIRA  
E DIVERTIMENTO



James Salter

BRINCADEIRA E  
DIVERTIMENTO

*tradução de*  
Francisco Agarez

LIVROS DO BRASIL

Setembro. Parece que estes dias luminosos não vão acabar nunca. A cidade, que em agosto estava quase vazia, começa outra vez a encher-se. Está a voltar ao normal. Os restaurantes estão todos a reabrir, as lojas. As pessoas regressam do campo, do mar, de viagens por estradas congestionadas de trânsito. A estação está apinhada. Há crianças, cães, famílias com malas velhas atadas com correias. Abro caminho pelo meio deles. É como estar num túnel. Saio finalmente para a luminosidade do *quai*, debaixo duma cobertura de painéis de vidro que parece ampliar a luz.

De ambos os lados há uma fila comprida de carruagens, verde-escuras, com a pintura descascada pelos anos. Percorro-as e leio os números, primeira classe, segunda classe. É agradável ver todas as placas com os números impressos. É como contar dinheiro. Tenho uma confortável sensação de estar a entregar-me ao cuidado de quem conduz estes comboios grandes e sonolentos, por cujos vidros claros olham pessoas, esgotadas e silenciosas como inválidos. É difícil encontrar um compartimento vazio, simplesmente não há nenhum. A minha bagagem começa a pesar. A meio do cais subo para o comboio, sigo pelo corredor e abro finalmente uma porta de correr. Ninguém levanta sequer os olhos. Pego na minha bagagem, pouso-a na prateleira e instalo-me num lugar. Silêncio. É como se estivéssemos à espera de ser atendidos pelo médico. Olho em volta. Há fotografias turísticas na parede, paisagens da Bretanha, da Provença. De frente para mim vai uma rapariga com marcas de nascença numa perna, marcas cor de vinho. Não tiro os olhos delas. Têm a forma de ilhas num canal.

Finalmente, com um curto grunhido, começamos a andar. Há um chiar metálico, batimentos secos de portas. Um agradável balanço ao mudar de linha. O céu está pálido. Um francês dorme no lugar do canto,

casaco azul, calças azuis. Os azuis não combinam. São partes de fatos diferentes. As peúgas são cinzento-pérola.

Em breve ganhamos velocidade por uma linha de saída, com as casas dos subúrbios passando por nós, ruas vulgares, apartamentos, jardins, muros. A vida secreta de França, em que não se consegue penetrar, a vida dos álbuns de fotografias, tios, nomes de cães que morreram. E dez minutos depois Paris desapareceu. O horizonte, compacto de edifícios, desvanece-se. Já me sinto livre.

França burguesa, verde. Vamos a grande velocidade. Atravessamos pontes, o som seco e sincopado. O campo começa a abrir-se. Vamos a caminho de cidades aonde ninguém vai. Há longas extensões cor de trigo e a seguir terras verdes, planas e ricas. As quintas são de pedra. A sabedoria de gerações sabe que a terra é a única verdadeira riqueza, um conhecimento que não precisa de se questionar, não precisa de mudar. Campo aberto plano como terrenos desportivos. Bancadas feitas de árvores.

Ela tem também sinais na cara, e um dedo entrapado. Tento imaginar onde trabalha — numa *pâtisserie*, decido. Sim, imagino-a de pé atrás das vitrinas de bolos. Sim. É isso mesmo. Os sapatos são pretos, com algum pó. E muito bicudos. As biqueiras são absurdas. Anéis baratos em ambas as mãos. Veste uma camisola de lã preta, uma saia preta. É um pouco forte. Franze o sobrolho enquanto lê as histórias de amor da *Echo Mode*. Parece que vamos a andar mais depressa.

Atravessamos as povoações a grande velocidade. Cesson, uma estação de cor clara com um relógio antigo. Rios com barças. Passamos a troar por outra localidade, as pessoas de pé no *quai*, quietas como vacas. Agora túneis, que nos fazem pressão nos ouvidos. É como se alguém baralhasse um enorme baralho de imagens. No fim haverá um truque. Silêncio, por favor. Até o comboio abranda ligeiramente, como se obedecesse. A rapariga que vai sentada na minha frente adormeceu. Tem uma boca estreita, com os cantos caídos, sob o peso da amarga sabedoria. Vai de cara virada para o sol. Mexe-se. Desliza-lhe a mão; a palma pousa-lhe na barriga que já lembra um Rubens. De repente abre os olhos. Vê-me. Afasta o olhar, para fora da

janela. Agora tem ambas as mãos pousadas na barriga. Os olhos voltam a fechar-se. Inclina-mo-nos nas curvas.

Canais ricos como jade passam por baixo de nós, canais em que repousam barcaças largas. A água é verde dos limos que a cobrem. Quase se podia escrever-lhe na superfície.

Campos de feno de longos desenhos retangulares. Agora há colinas, não muito altas. Choupos. Campos de futebol vazios. Montereau — um rapaz de bicicleta à espera perto da estação. Há igrejas com cataventos. Braços de rio com barcos a remos amarrados debaixo das árvores. A rapariga procura um cigarro. Reparo que tem o fecho da carteira estragado. Agora avançamos ao lado de uma estrada, mais rápidos que os automóveis. Eles hesitam e dispersam-se. O sol bate-me na cara. Adormeço. A bela pedra dos muros e das quintas passa sem ser vista. Passam os desenhos dos campos, uns claros como o pão, outros escuros como o mar. Nesta altura o comboio abranda e começa a mover-se com um matraquear compassado, majestoso como o dos coches. Abro os olhos. Vejo muito ao longe o cinzento espectral de uma catedral, o perfil azul de Sens. Na estação, onde paramos durante uns minutos, circulam viajantes pela superfície esburacada do *quai* com a gravilha a restolhar-lhes debaixo dos pés. Mas reina um silêncio estranho. Há murmúrios e tosses, como se fosse um intervalo. Ouço o rasgar do papel de um maço de cigarros. A rapariga foi-se embora. Pegou nas suas coisas e apeou-se. Sens fica numa curva, e o comboio está inclinado. Os viajantes olham ociosos pelas janelas abertas.

As colinas adensam-se e correm ao nosso lado quando lentamente começamos a afastar-nos da cidade. As janelas das casas abrem-se ao ar cálido da manhã. O feno já está empilhado em forma de cubos, galinheiros, pães redondos. Por cima de nós, a súbita passagem de uma igreja. Nas suas paredes, fendas de largura suficiente para os pássaros fazerem ninho. Hei de percorrer a pé estas estradas rurais, acompanhar estes riachos brilhantes.

Rosa, ocre, camelo, caramelo — são estas as cores das cidades. Há pastagens compridas e íngremes com fiadas de árvores. St. Julien du Sault: o hotel parece vazio. Agora braçadas de feno, feixes dele. Grandes quadrados de milho. Cezy — a estação parece o cenário de uma peça

que já saiu de cena. Pirâmides de feno, mansardas, barricadas. Pomares. Crianças a trabalhar em quintais. JOIGNY está impresso a vermelho.

Passamos por cima de um pequeno rio, o Yonne, e chegamos a Laroche. Há um hotel com o telhado enegrecido pelo tempo. Flores nos canteiros das janelas. Paramos mais uma vez. Mudamos de comboio.

Deambulamos calmamente pelo meio de carros de bagagem que parecem abandonados. Anda um carro de mão a vender sanduíches e cervejas. Uma rapariga grávida passa e olha-me de relance. Cara crestada pelo sol. Olhos claros. Expressão serena. Parece que as pessoas, em especial as mulheres, voltaram a ser reais. As criaturas elegantes da grande cidade, das grandes estradas, dos locais de veraneio, desapareceram. Quase não me lembro delas. Aqui é diferente. Do outro lado das linhas há telheiros cheios de bicicletas. Operários de azul esperam sentados em bancos banhados pelo sol.

Daqui para a frente a linha não é eletrificada. A viagem é mais lenta. Passamos por águas verdes para as quais caíram árvores. Entram no compartimento baforadas de fumo acre, esse maravilhoso fumo corrosivo que come o aço e deixa os terminais negros como carvão.

A um canto, de gabardina, cabelo lustroso, vai sentada uma rapariga silenciosa que tem cara de pássaro, uma daquelas caras pequenas e severas, os ossos à flor da pele. Uma cara apaixonada. A cara de uma rapariga que talvez se mude para a cidade grande. Tem uns olhos grandes, contornados a negro. Uma boca larga, pálida como cera. Em volta do pescoço tem um colar de brilhantes de imitação. Parece-me que estou a ver tudo com mais clareza. Abrem-se perante mim os pormenores de um mundo inteiro.

O céu está agora quase completamente coberto de nuvens. A luz mudou, as cores também. As árvores tornam-se azuis à distância. Os campos secam. Há túneis de feno, mesquitas, cúpulas, abóbadas. Cada casa tem o seu quintal. Aqui, as estradas estão vazias — um motociclista, um camião, mais nada. As pessoas andam a viajar por outros lados. À porta de uma casa estão penduradas duas gaiolinhãs para os canários apanharem ar. Passamos por cubos e cilindros de feno. Avançamos a custo. O cheiro

acre do fumo vem e vai. Os silvos longos e estridentes, que se perdem na distância, enchem-me de alegria.

A rapariga tirou um caramelo da carteira. Desembrulha-o, mete-o à boca para garantir o silêncio. Os seus dedos brincam com o papel, enrolando-o lentamente, apertando o rolo. Tem uns olhos azul-claros, capazes de trespassar uma pessoa. O nariz é comprido, mas feminino. Tenho curiosidade em ver-lhe os dentes.

Afaga o cabelo, primeiro por baixo de uma orelha, depois da outra. Usa uma aliança que parece esmaltada. Tem um guarda-chuva de tecido violeta atado à bagagem. O cabo é dourado, não mais grosso do que um lápis. Não tem as unhas envernizadas. Agora vai sentada, imóvel, e olha pela janela, com a boca descaída numa vaga expressão de resignação. A menina que vai sentada na minha frente não consegue tirar os olhos dela.

Eu ponho-me a olhar pela janela. Já estamos perto. Por fim, ao longe, contra o céu raiado, surge uma cidade. Um pináculo alto e isolado, austero como um monumento: Autun. Desço a minha bagagem da prateleira. Sinto um súbito e breve acesso de nervosismo enquanto percorro o corredor com ela. A ideia de vir a este lugar parece-me visionária.

Só se apeiam duas ou três pessoas. Ainda não é meio-dia. Há só um relógio, de ponteiros pretos que saltam a cada meio minuto. Enquanto percorro o cais, o comboio põe-se em movimento. Não sei porquê, mas assusta-me vê-lo partir. Passa por mim a última carruagem. Desvenda linhas vazias, outro *quai*, sem vivalma. Sim, agora já percebo: em certas manhãs, em certas manhãs de inverno, tudo isto fica quase completamente escondido pela neblina; os pormenores, os objetos, aparecem lentamente à medida que caminhamos. De tarde, o sol banha tudo de luz fria, etérea. Entro no átrio da estação. Há um quiosque de jornais com grades de ferro. Está fechado. Uma grande báscula. Horários na parede. O homem por trás do vidro da bilheteira não levanta os olhos quando eu passo.

A casa dos Wheatlands fica na parte velha da cidade, construída mesmo junto à muralha romana. Há primeiro uma comprida alameda e depois a enorme praça. Uma rua de lojas. Depois, nada, casas, o silêncio de um quadro de Utrillo. Por fim, a Place du Terreau. Há uma fonte, uma

fonte de três bicas onde bebem pombos e, pairando sobre ela, como um grande navio encalhado, a catedral. Só se consegue vislumbrar o pináculo, de arestas ornamentadas, aquele pináculo maravilhoso que aponta ao mesmo tempo para o centro da terra e para o vazio exterior. A estrada contorna-a por trás. As suas muitas janelas estão partidas. As molduras de chumbo, em forma de diamante, estão vazias e negras. Trinta metros mais adiante há uma ruela sem saída, um *impasse*, como lhe chamam, é aí.

É uma casa grande, de pedra, telhado íngreme, soleiras desgastadas. Uma casa enorme, de janelas altas como árvores, exatamente como eu a recordava de uma visita anterior de alguns dias quando, ao vir da estação, tivera uma estranha sensação de que estava numa cidade que já conhecia. As ruas eram-me familiares. Quando chegámos ao portão já eu tinha formado uma ideia que ficou a pairar-me no espírito durante o resto do verão, a ideia de que iria voltar. E agora aqui estou, diante do portão. Olho para ele e de repente vejo, pela primeira vez, em letras escondidas no meio da folhagem de ferro, uma inscrição: VAINCRE OU MOURIR. Falta o C em VAINCRE.

Autun, silenciosa como um adro de igreja. Telhados escurecidos pelo musgo. O anfiteatro. A grande praça central: o Champ de Mars. Agora, no azul outonal, ela reaparece, esta cidade antiga, outono de província que chega aos ossos. O verão acabou. O jardim murcha. As manhãs arrefecem. Tenho trinta anos, tenho trinta e quatro — os anos secam como folhas.

Esta cidade azul, indolente. Os seus gatos. O seu pálido céu. O céu vazio da manhã, esvaído e puro. As suas ruas fundas, fendidas. Os seus pátios estreitos, o ténue cheiro a podre que de lá vem, cascas de laranja pelos cantos. As pedras da calçada desiguais, de arestas desgastadas. Uma cidade de médicos, todos com grandes casas. Cousson, Proby, Gilot. Até as ruas levam os seus nomes. Passagens através da muralha romana. A Porte de Breuil, com os seus corrimões de ferro cravados na pedra como pregos de alpinismo. As mulheres sobem a encosta íngreme a arfar, com os pulmões a sibilar. Uma cidade onde ainda há muitas bicicletas. De manhã passam silenciosas. Nas ruas cheira a pão.

Acordo antes do amanhecer, às 5h45, os sinos dão três badaladas, primeiro ao longe e logo depois muito perto. Os momentos de maior devoção da minha vida são passados na cama, de noite, a ouvir aqueles sinos. Inundam-me, arrancando-me de mim mesmo. De repente sei onde estou: faço parte desta cidade e sou feliz. Debruço-me na janela e sou lavado pelo ar fresco, ar que parece que ainda ninguém respirou. Passam três rapazes de moto, quase de mãos dadas. E começa então o primeiro azul da manhã, puro e melancólico. O ar em que uma pessoa pode banhar-se. O chiar elétrico de um comboio. Tacões no passeio. Os primeiros pássaros. Não consigo dormir.

Ponho-me na fila das lojas, ninguém repara. Atrás dos balcões as raparigas andam para lá e para cá, raparigas de rostos brancos, tornozelos brancos como sabão, sapatos gastos a abrir pelo dedo grande, vestidos a ver-se por baixo das batas brancas. Têm as unhas curtas. No inverno terão as maçãs do rosto vermelhas.

— *Monsieur?*

Esperam que eu fale, e é claro que nessa altura tudo se dissipa. Sabem que sou estrangeiro. Isso deixa-me um pouco embaraçado. Gostava de ser capaz de falar sem o mínimo sinal de sotaque — dizem-me que tenho ouvido para isso. Gostava, impossível, de entender tudo o que dizem na rádio, as palavras e as canções. Gostava de passar despercebido. A sineta pendurada atrás da porta toca quando eu saio, mais nada.

Regresso a casa, abro o portão, entro e fecho-o. Faz um estalido agradável. A gravilha, do tamanho de ervilhas, move-se debaixo dos meus pés e levanta-se uma poeira ténue, o perfume da cidade. Inspiro-a. Começo a conhecê-la, e aos bairros também. Vai-se formando em mim uma geografia de ruas preferidas enquanto durmo. Esta cidade intrincada vai-se revelando, pormenor a pormenor, peça a peça. Caminho pela margem do rio entre duas pontes. Passeio pelo cemitério que reluz como joias sob a última luz oblíqua. Parece que estou a visitar um domínio, passando entre propriedades que um dia serão minhas.

Isto são notas sobre fotografias de Autun. Seria melhor dizer que começaram como notas, mas transformaram-se numa coisa diferente, numa descrição daquilo que para mim são acontecimentos. Tomei-as para meu uso, mas já não as escondo. Esses tempos já lá vão.

Nada disto é verdade. Disse Autun, mas facilmente podia ter dito Auxerre. Estou certo de que acabarão por compreender. Estou apenas a anotar pormenores que entraram em mim, fragmentos que conseguiram rasgar-me a carne. É uma história de coisas que nunca existiram, se bem que a mais ténue dúvida sobre isso, a mínima possibilidade, mergulhe tudo na escuridão. Só quero que quem ler isto seja tão resignado quanto eu. Já existe no mundo paixão que baste. A paixão faz tremer tudo. Não é que eu ache que ela não devia existir, não, não, mas isto é apenas uma lasca refletora que, sem se saber como, continua a captar a luz.

Cristina Wheatland, que já foi Cristina Cabaniss e em solteira Cristina Poore, tem uma cara serena, ligeiramente ossuda, e uns olhos grandes e claros. O pai era embaixador. Levavam uma vida esplendorosa. Cristina estudou em todo o lado, Argentina, Grécia, Filipinas. Já não me lembro de como Billy a conheceu, apenas que ela tinha vinte e três anos e foi

amor à primeira vista. Estava prestes a divorciar-se. Ele era o homem com quem devia ter-se casado logo à primeira. Sabia lidar com ela. É o único homem que sabe fazê-la sentir-se mulher.

— Não é verdade, querido? — diz ela.

— É, sim, Bummy.

Ele está a escolher cubos de gelo de um balde de prata e fala de costas voltadas. Ela está sentada no outro extremo da sala, com as pernas dobradas debaixo do corpo. Paris. São três da manhã. A filha do casal, os criados, o edifício todo está a dormir. Ela inclina-se para a frente para eu lhe acender o cigarro e depois recosta-se, a bem dizer flutua, sobre as almofadas fofas. Não pode continuar a viver na América, diz. É a única coisa que a incomoda. Voltou lá em visita. Aquele lugar não é para ela. Para começar, nem sequer sabe conduzir. Billy dá-lhe a bebida. Ela devolve-a.

— Querido — diz —, eu só queria metade.

Ele volta ao outro extremo da sala comprida. Vejo-o pegar noutra copo. Há uma lentidão misteriosa em todos os seus movimentos, é como se estivesse a pensar bem neles. Ainda assim, têm a elegância de um sonho. Billy Wheatland — jogou na equipa de hóquei, um excelente avançado, um dos melhores de todos os tempos segundo se diz, e sempre rodeado de amigos. Nunca ninguém o via sozinho. Estava em pé diante de um espelho, a pentear o cabelo preto ainda húmido do duche. Quando sorria revelava fugazmente uma cicatriz pequena e heroica no lábio.

Volta com a segunda bebida e entrega-lha sem dizer palavra.

— Adoro-te — diz ela.

Ele senta-se e cruza as pernas. Ela passa os dedos por dentro da fiada simples de pérolas que tem ao pescoço, para trás e para a frente. Virando-se para mim, Billy diz:

— Bom, tu sabes que aquele sítio é muito sossegado. Quer dizer, é uma cidade muito pequena. Tu já lá estiveste, mas não sei se tens consciência disso.

Começam os dois a falar sobre a pessoa a quem Billy pode escrever uma carta de apresentação. Eu escuto-os sentado e moderadamente

entusiasmado, como um rapazinho em cuja presença se discute a sua ida para um colégio interno durante um ano.

— A água está fechada — diz ele. — Eu nem sequer sei como se abre. Há um agente que trata dessas coisas todas. Nunca lá estivemos no inverno.

Mas uma carta resolve também isso, ou então pode fazer um telefonema. Está combinado. Eu vou, quando quiser. Cristina começa a falar com ele. Eu quase não ouço. Uma felicidade para a qual não tinha palavras invadiu-me então como um raio de sol. Eram as dez mil fotos famosas que Atget tinha feito de uma Paris entretanto desaparecida, aquelas extraordinárias imagens mudas com o banho castanho de cloreto de ouro — pensei nelas e no seu autor, que todas as manhãs saía de casa antes do nascer do sol para lentamente roubar uma cidade a quem a habitava, uma árvore aqui, uma fachada, uma fonte imortal.

Via diante de mim a calma, o refúgio de muitas horas diligentes enquanto esta minha cidade se expunha perante mim, o seu único forasteiro, dia após dia. É claro que tudo aquilo era impulsivo. Não comentava com ninguém, estas ideias podem esfumar-se. Limitava-me a imaginar o momento em que as revelaria todas pela primeira vez. É de manhã e estamos na galeria. As provas estão a ser viradas, uma a uma. A cinza cai suavemente em cima da mesa, uma mão distraída sacode-a. Gostam? Estou ali de pé, com a aura da Europa ainda fresca. Até as minhas roupas foram lá compradas. Espero pela resposta. Podem tornar-te famoso, diz ele finalmente. Eu fico atordoado. Por um momento permito-me acreditar naquilo.

— Que tamanho tem atualmente?

Billy não sabe. Vira-se para ela.

— É muito pequena — diz Cristina.

— Quinze mil — calcula ele.

— Não é assim tão pequena — digo eu. — É maior do que isso.

— É pequena — avisa ele. — Acredita em mim.

Cidade adorada. Vejo-a em todos os tipos de clima, a luz do sol que cai nas suas ruelas como fragmentos de porcelana, os fins de dia silenciosos, o viaduto azulado pela chuva. E quando regresso — isso é muito mais

tarde — há longas e claras extensões de campos de ambos os lados, e nós percorremos a voar um corredor de árvores, os troncos brancos de cal. Estradas de França. Restaurantes e cemitérios. Árvores negras e chuva suspensa. O ponteiro marca cento e quarenta. Os eixos estalam como lenha.

O Grand Hotel Saint-Louis. O pequeno pátio com as suas mesas e as suas cadeiras metálicas. Portadas de quartos interiores abertas de par em par numa parede de hera cerrada. Dentro dela escondem-se grades trabalhadas, varandas esquecidas. Lá em cima, um retalho do céu de Autun, frio, nublado. A tarde vai avançada — o verde treme, as gavinhas mais pequenas pendem e balançam. Chegou o frio penetrante de França, esse frio que chega a todo o lado, que chega cedo de mais. Lá dentro, debaixo da *coupole*, vejo as mesas a serem postas para o jantar. As luzes já estão acesas nas maravilhosas consolas de vidro dentro das quais se expõe a riqueza desta cidade antiga: relógios em estojos de pele, terrinas de sopa, *foulards*. Os meus olhos não param. Perfumes. Livros sobre escultura medieval. Colares. Roupa interior. O vidro tem finas tiras de latão como as de um barco que lhe percorrem as arestas e fazem uma curva na parte superior — uma abóbada de fragmentos de vitral, hexágonos, colmeias de cor. Por trás de tudo isto, de casaco branco, deslizam os criados de mesa.

Cidade pequena e azul, com os seus cafés e a sua enorme praça. Apartamentos novos que se erguem nos arredores. Ruas que nunca vi. Há dois cinemas, o Rex e o Vox. A água brota das fontes. Mulheres idosas passeiam os seus cães. É manhã. Leio uma *História Ilustrada de França*. Uma neblina densa que tudo oculta deixou o jardim branco. Um silêncio absoluto. Quase não dou pelo passar do tempo. Quando saio, o sol começa a romper. O pináculo parece preto. Os pombos resmungam. Há sempre o desejo de conversar com alguém sobre os tempos que correm. Eu não escapo a esse desejo. Percorro a comprida e modorrenta fachada lateral da catedral e começo a descer. Conheço as ruas todas. Place d'Hallencourt. Rue St. Pancrace, com curvas de mulher. Conheço as casas melhores. E, claro está, conheço algumas pessoas. O casal Job — ela é a mulher mais magra que alguma vez vi. A criada de mesa do Café Foy. Madame Picquet. A propósito, tenho de pedir informações sobre ela a Wheatland.